



**SIMBÓLICA**

Revista de Filosofia da Cultura e Estudos Interdisciplinares

ARTIGOS TRADUÇÃO



## O Naturalista Goethe

CASSIRER, E. “Der Naturforscher Goethe”. In: Ernst Cassirer *Gesammelte Werke*, ed. Birgit Recki. Vol. 16, Hamburgo: Meiner, 2004, p. 437-441.

**Renato Costa Leandro (USP)**

<https://orcid.org/0000-0003-1284-1045> - [renatocleandro@outlook.com](mailto:renatocleandro@outlook.com)  
(Tradutor)

### **No rastro do *uomo universale*: Cassirer e um certo legado filosófico de Goethe**

Apresentação à tradução de *O naturalista Goethe*, de Ernst Cassirer

Poucos pensadores contemporâneos reconheceram em Goethe uma fonte filosófica tão fecunda quanto Ernst Cassirer. A influência do poeta e naturalista alemão transparece não apenas nos escritos de Cassirer voltados à reconstituição histórica da filosofia e do espírito cultural alemão, mas também no cerne de seu projeto mais original: a filosofia das formas simbólicas. Essa influência articula-se sobretudo em torno de dois âmbitos reflexivos que, embora distintos à primeira vista, revelam-se intimamente entrelaçados no pensamento de ambos os autores: arte e natureza. Um exame atento da trajetória intelectual de Cassirer pode mostrar, por um lado, as raízes de um tal interesse, e, por outro, que talvez seja justamente nesse entrelaçamento que se encontre uma das contribuições mais significativas de sua obra à interpretação filosófica do legado goethiano.

Cassirer nasceu em Breslau, mas parte de sua família residia em Berlim, motivo pelo qual frequentava regularmente a então capital da Prússia. Foi lá que, em 1891, aos 17 anos de idade, assistiu à peça *Os cúmplices* (*Die*

*Mitschuldigen*), de Goethe, cuja primeira versão fora escrita ainda em sua juventude, em 1769 – ou seja, antes mesmo da publicação de *Werther*. No inverno de 1892, Cassirer iniciou seus estudos na Faculdade de Direito da Universidade de Berlim. No semestre seguinte, transferiu-se para Leipzig, onde deixou de acompanhar os cursos de Direito para frequentar os de Germanística. Pouco depois, em 1893, mudou-se novamente, dessa vez para Heidelberg, onde passou a assistir exclusivamente às aulas de Literatura Alemã e Germanística – um redirecionamento de interesses que, caso não tenha sido uma escolha deliberada em direção aos estudos goethianos, certamente não o afastaria deles (cf. ECN 11, p. 389-391).

Em Heidelberg, Cassirer escreveu dois pequenos trabalhos de Germanística, não exatamente dedicados à obra de Goethe, mas que dela se aproximam, ainda que timidamente.<sup>1</sup> Trata-se de seus primeiros textos acadêmicos conhecidos, provavelmente apresentados na disciplina do Prof. Max von Waldberg, um dos editores das *Obras de Goethe* – a famosa Edição de Weimar (*Weimarer Ausgabe*). Ali, Cassirer também frequentou as aulas de outros importantes editores e filólogos goethianos, como Hermann Grimm, Woldemar von Biedermann e Kuno Fischer (ECN 11, p. 430).

Em 1895, após nova transferência para Berlim, o jovem universitário passou finalmente a frequentar a Faculdade de Filosofia, embora continuasse a acompanhar sobretudo os cursos de Germanística, cinco deles oferecidos por Erich Schmidt (ECN 11, p. 401), primeiro diretor do *Goethe- und Schiller-Archiv* e um dos responsáveis por estabelecer os princípios filológicos da Edição de Weimar (WA I, 1, p. XIV). No mesmo ano, tornou-se membro da recém-fundada *Goethe-Gesellschaft* (Geiger, 1895, p. 22), a mais antiga e importante sociedade dedicada ao apoio e à promoção dos estudos goethianos. Outro fator decisivo para o aprofundamento progressivo na produção de Goethe foi o acesso privilegiado e irrestrito aos 143 volumes da *Weimarer Ausgabe* – um presente de casamento oferecido por seus primos Fritz e Bruno Cassirer, em 1904. Segundo sua esposa, Toni Cassirer, Ernst “pesquisou e leu essa edição até a sua morte, acrescentando nela inúmeras pequenas marcações” (T. Cassirer, 2003, p. 85-86).

Os primeiros resultados dos estudos em torno de Goethe foram compartilhados com o público em 1916, com a publicação de *Liberdade e forma*. Em sua introdução, Cassirer revela que o capítulo dedicado ao autor e à sua visão de mundo – o mais extenso do livro – é o “centro ideal” da obra (ECW 7, p. 391). Tendo em vista o horizonte produtivo do filósofo, é bastante

---

<sup>1</sup> Trata-se dos textos *Brahm: Das deutsche Ritterdrama des 18.ten Jahrhunderts* e *Über Gellerts Lustspieltechnik*, publicados postumamente em ECN 11, p. 348-368.

significativo que Goethe forneça um ponto de referência para a obra que marca a sua primeira tentativa de expansão da epistemologia neokantiana em direção a uma teoria da cultura de escopo mais geral (cf. Skidelsky, 2008, p. 77-78). A partir de então, Cassirer passou a escrever dezenas de textos e a oferecer uma série de conferências dedicadas a Goethe, inclusive entre as décadas de 1930 e 1940, durante o exílio na Suécia e nos Estados Unidos – para onde, aliás, fez questão de levar sua volumosa Edição de Weimar. Foi no semestre de inverno de 1940-41, justamente na Faculdade de Gotemburgo, que ele realizou um de seus “desejos mais antigos”: oferecer um curso sobre Goethe. A sala “mais do que lotada” (ECN 11, p. 384) acompanhou com afinco as quase vinte aulas do professor recém-emérito, nas quais temas relativos ao período de juventude de Goethe eram tratados lado a lado com motivos da tradição filosófica, segundo o modo expositivo peculiar de Cassirer. A ocasião, inclusive, serviu para que rememorasse seus “anos de aprendizado” junto aos filólogos goethianos, cujos métodos professados à época, marcados por minúcias e exageros por vezes despropositados, não passaram incólumes às críticas do mestre da vez (cf. ECN 11, p. 5-7). O entusiasmo e a dedicação de Cassirer aos estudos goethianos, cada vez mais intensos, foram interrompidos apenas quando a morte repentina o alcançou, em 1945, poucos meses após a publicação de *Rousseau, Kant, Goethe* e pouco antes do fim da segunda guerra.

Os efeitos dessa ocupação singular no interior da filosofia de Cassirer – e, em certa medida, da própria história da filosofia – não passaram despercebidos por aqueles que conheceram de perto sua vida ou sua obra. Ao rememorar o percurso intelectual do marido, Toni Cassirer (2003, p. 87-88) observou que “a relação de Ernst com Goethe se baseava em um fundamento completamente diferente daquele com as outras grandes figuras com as quais seu trabalho o conectava” – uma relação cuja natureza se tornava cada vez mais clara ao longo de sua vida e produção, sobretudo em seus últimos anos: “ninguém que tenha se dedicado ao seu trabalho sobre Goethe poderá duvidar disso”. John Michael Krois, editor das obras póstumas do filósofo e um de seus principais intérpretes, destaca que nenhum outro autor, à exceção de Kant, foi objeto de tantas investigações científicas ao longo da obra de Cassirer quanto Goethe. Afinal, considerando as edições mais recentes de seus escritos, é possível encontrar ao menos vinte e dois textos sobre o poeta e naturalista alemão. Portanto, para Krois (1995, p. 297-299), a obra de Cassirer é “devedora de Goethe em um grau ainda maior do que se supôs até então”. A tradução que aqui se apresenta – a primeira em língua portuguesa de um texto de Cassirer sobre Goethe – busca, portanto, contribuir para a investigação desse caso singular no interior da filosofia contemporânea, que ainda permanece, nas

palavras de Barbara Naumann e Birgit Recki (2002, p. VIII), um “ponto cego na pesquisa acadêmica”.

O *naturalista Goethe* (*Der Naturforscher Goethe*) foi publicado em 1932 – mesmo ano em que Cassirer lançou o livro *Goethe e o mundo histórico* – no jornal *Hamburger Fremdenblatt*, especificamente em um suplemento dedicado ao centenário da morte de Goethe. Embora bastante curto, dada a finalidade e o meio que o suscitaram, o artigo não abdica do rigor filosófico e da versatilidade discursiva comuns ao estilo expositivo de Cassirer. Não se trata, portanto, de um simples sobrevoos pela vida e obra de Goethe, interessado meramente em louvar suas realizações e reiterar seu legado para a cultura alemã ou mesmo mundial. Ao contrário, o texto se detém em questões de caráter mais específico, que podem ser compreendidas a partir de dois fios condutores.

O primeiro deles, anunciado já no início do pequeno artigo, é a tentativa de responder a uma antiga polêmica sustentada por boa parte dos intérpretes da obra goethiana: qual o lugar das contribuições científicas do autor no conjunto de suas produções? Diante desse problema, Cassirer, com seu admirável pendor enciclopédico e exímio conhecimento da obra goethiana – que frequentemente o levava a citar passagens completas de memória (T. Cassirer, 2003, p. 86) –, não poderia tecer seus argumentos senão a partir das próprias palavras do autor em questão. Segundo o filósofo, não há uma linha divisória nítida entre a atividade artística e a científica de Goethe, pois ambas partilham e derivam da mesma força espiritual. Essa força pode ser entendida como o “elevado dom da imaginação”, que o próprio Goethe, na esteira de Buffon, Diderot e Kant, relaciona não apenas com o fazer artístico, mas também com a atividade científica.<sup>2</sup> Uma tal conclusão, entretanto, não esvazia o sentido objetivo, a “verdade” das conquistas científicas ou das criações artísticas de Goethe. No primeiro âmbito, o naturalista encontrará na observação empírica das formas aquilo que corresponde ou não ao que a imaginação primeiramente lhe ofereceu como princípio investigativo. No segundo, o poeta, em procedimento inverso ao do pesquisador, dá vida à poesia segundo os motivos que a efetividade e suas relações formais oferecem à imaginação, ensejando um discurso lírico que, nos termos de João Barrento (2018, p. 173), “tende essencialmente a consumir na palavra uma epifania da ideia a partir do

---

<sup>2</sup> Cf. Buffon, *História natural*, p. 46; Diderot, *Da interpretação da natureza*, p. 69; Kant, *Crítica da faculdade de julgar*, p. 47. Embora articulada considerando as modulações operadas por esses e outros autores, cabe notar a particularidade que a noção de imaginação adquire em Goethe. Por exemplo, ele liberta a imaginação poética do domínio da razão ao relacioná-la com as forças da vida, ao mesmo tempo em que, no âmbito científico, um certo tipo de imaginação possibilita a união de elementos dispersos da percepção, das formas vivas, ou mesmo de modos opostos de pensamento, em uma síntese produtiva. Sobre o assunto, cf. Pulvirenti, G.; Gambino, R., *Einbildungskraft (Imagination)*.

fenômeno”. Ao lado da noção de imaginação, essa afinidade interna e necessária entre a atividade do pesquisador e do artista em Goethe, tal como interpreta Cassirer, repousa essencialmente sobre a concepção de *forma viva* e a valorização do *processo*, do *dever*, em detrimento do mero *resultado*, do caráter “fixo” do objeto que uma ou outra atividade venha a alcançar. Para Cassirer, as realizações de Goethe dão prova do quanto é preciso se ater às “transições finas e sutis da vida”, ao “desfile das séries do vivente”, não para encontrar ali uma “igualdade da forma”, mas, ao contrário, para descobrir a “lei secreta da formação da forma”.

Se o primeiro fio condutor diz respeito à problemática que move a economia interna do texto e à sua postura interpretativa diante da figura de Goethe, o segundo só adquire sentido quando considerado em relação às demais reflexões de Cassirer em torno do autor. Como já mencionado, Cassirer escreveu uma série de textos sobre Goethe, cada qual animado por problemáticas específicas, embora por vezes sustentados por argumentos semelhantes. Ocorre que, ao longo dessas investigações, Cassirer não se furta a desenvolver um campo de imanência conceitual visando a uma articulação coerente de seu discurso filosófico sobre o assunto. Por se tratar de textos não sistemáticos, esse desenvolvimento conceitual ocorre de forma diluída, descontínua e entrecortada, de sorte que o leitor se vê incumbido de articular os diversos elementos entre si a fim de conferir sentido ao conjunto investigativo. O *naturalista Goethe*, por sua vez, destaca-se justamente por uma peculiaridade que vai ao encontro dessa necessidade: apresenta, de forma sintética e objetiva, alguns dos motivos mais expressivos mobilizados por Cassirer em suas demais considerações sobre Goethe, além de oferecer um retrato filosófico consolidado, embora suscito, do espírito do autor. Dito de outro modo, por meio desse texto, o leitor é capaz de adentrar de maneira mais imediata nesse campo de imanência conceitual e recolher com maior facilidade certos princípios interpretativos que atravessam tais obras, desde *Liberdade e forma* até *Rousseau, Kant, Goethe*. Trata-se, portanto, menos de uma investigação longa e minuciosa dos princípios investigativos orientadores em questão e mais de uma excelente introdução para aqueles que buscam explorar as relações entre Cassirer e Goethe, ou mesmo para aqueles que se dedicam apenas a um dos autores.<sup>3</sup>

O modo de compreensão totalizante da atuação de Goethe, embora bastante característico nas investigações de Cassirer, nem sempre foi

---

<sup>3</sup> O leitor familiarizado com os textos de Cassirer sobre Goethe verá, por exemplo, que os motivos iniciais expostos em *O naturalista Goethe*, relativos ao tema da imaginação, derivam da primeira seção do quarto capítulo de *Freiheit und Form* (1916), e os motivos finais, referentes à óptica, foram desenvolvidos em *Goethe und die mathematische Physik*, segundo capítulo do volume *Idee und Gestalt* (1921).

devidamente compreendido por parte dos críticos, a ponto de tornar-se motivo de uma pequena querela interpretativa na virada do século, quando uma série de textos póstumos de Cassirer sobre Goethe foi editada e publicada. Foi Thomas Knoppe (1995, p. 329) quem sustentou que o “poeta Goethe” desempenha um “papel secundário” no conjunto da obra de Cassirer, ou seja, que o interesse do filósofo “se concentra principalmente no *pesquisador* Goethe”. Pouco tempo depois, Barbara Naumann assumiu posição oposta à de Knoppe ao negar qualquer separação entre os textos poéticos e científicos de Goethe na recepção de Cassirer, inclusive no contexto de influência no desenvolvimento da filosofia das formas simbólicas. Naumann trata o conjunto dos escritos goethianos pelo termo “literatura” em sentido amplo, pois, segundo ela, os escritos científicos também iluminam, quando não formulam, aspectos poetológicos em sentido estrito. Para ela, os aspectos poéticos, filosóficos e científicos de Goethe constituem uma “tríade interativa” e são acompanhados em igual medida na obra de Cassirer (cf. Naumann, 1998, p. 12-17). Podemos localizar o correlato direto desse argumento, por exemplo, no ensaio *A ideia de Goethe sobre formação e educação*, em que o filósofo sustenta que a ideia goethiana de metamorfose foi apresentada de modo muito bem acabado em um poema, intitulado *Metamorfose dos animais*, do qual emerge uma nítida distinção entre as noções de *ordem móvel* e *ordem fixa* da natureza (cf. ECW 18, p. 131-132). Birgit Recki, editora das obras completas de Cassirer, acolheu a posição de Naumann ao afirmar, junto à colega, a “combinação” do “Goethe poeta” com o “Goethe cientista” no contexto das investigações de Cassirer, de tal modo que é possível assumir nessa junção uma “unidade integral que manterá sua validade incontestável até os trabalhos tardios de Cassirer sobre Goethe” (Naumann, Recki, 2002, p. X). Outro exemplo significativo desse fato é o importante capítulo que Cassirer dedica, em *Idee und Gestalt*, ao drama festivo goethiano *Pandora*, no qual o filósofo identifica uma exposição notável, em chave alegórica, do modo como se pode compreender filosoficamente a efetivação da forma suprassensível na realidade objetiva. Nesse sentido, não seria descabido considerar a importância que o drama de Goethe possivelmente desempenhou na própria elaboração do projeto da filosofia das formas simbólicas, ecoando a tese de Naumann (1998, p. 14), isto é, como se “o recurso necessário de Cassirer à obra de Goethe representasse, portanto, um passo necessário para a autorreflexão da teoria dos símbolos”.

É curioso, no entanto, o fato de o pequeno artigo a seguir ter um título que, à primeira vista, insinua restringir a amplitude do espírito e da atuação de Goethe a apenas um único domínio. Essa contradição, porém, é apenas aparente: embora possamos distinguir *externamente* os alcances e os limites dos diferentes gestos expressivos de Goethe, *internamente* eles são

indissociáveis e se sustentam como um todo comum. Desse modo, o texto revela não apenas as nuances do olhar filosófico de Cassirer sobre Goethe, mas também um dos traços mais característicos dessa interpretação: a recusa em separar o poeta do cientista, o pensador estético do observador da natureza. Contra a tendência de minimizar o alcance filosófico da produção goethiana, Cassirer reafirma a validade de uma leitura que vê na metamorfose das formas vivas uma via de acesso à própria ideia de forma simbólica. Por isso mesmo, sua leitura de Goethe o coloca em lugar de destaque entre outros grandes nomes da contemporaneidade – como Georg Simmel, Ortega y Gasset, Nietzsche, Gadamer e Eckart Förster – que buscaram, cada um a seu modo, encontrar na pluralidade da obra goethiana uma unidade mais profunda.

Que esta tradução possa, assim, contribuir não apenas para o aprofundamento dos estudos sobre Cassirer e Goethe, mas também para a valorização das investigações filosóficas em torno do *uomo universale* de Weimar.

## Der Naturforscher Goethe<sup>4</sup>

Para fazer justiça a Goethe como pesquisador da natureza, é preciso, antes de tudo, libertar-se da concepção de que suas realizações no campo das ciências naturais constituem apenas um *recorte* estreitamente limitado, uma obra secundária e exterior de sua existência e de sua atuação como um todo. Goethe lutou com essa concepção durante toda a sua vida; mas sempre a rejeitou energicamente tão logo com ela se confrontava. Ele sentia e sabia que se tratava de um campo central de sua produção; ele não traçou uma linha divisória nítida entre sua atividade artística e científica. Pois estava ciente de que ambas provinham da *mesma* força espiritual e eram constantemente nutridas por ela. “Não se pode pensar em um naturalista verdadeiramente grande”, disse ele uma vez a Eckermann,

que não possua esse elevado dom [da imaginação]. Mas não tenho em mente uma imaginação que se perde no vago e fantasia coisas inexistentes; tenho em mente uma imaginação que jamais abandona o solo da realidade terrena e, tomando como medida o que é real e conhecido, avança na direção de outras coisas que intui e conjectura. [...] É claro, porém, que tal imaginação pressupõe uma mente aberta e serena, dotada de uma vasta visão do mundo vivente e de suas leis e mandamentos (Eckermann, 2016, p. 664).<sup>5</sup>

Nessas palavras está a chave para tudo o que Goethe realizou no campo das ciências naturais. Ele não apenas enriqueceu esse campo com resultados importantes e novos pontos de vista metodológicos, como também realçou, em seu íntimo, uma força que, nessa plenitude e intensidade, dificilmente havia se manifestado antes. E essa força não está simplesmente *ao lado* da força poética de Goethe, mas intrinsecamente relacionada a ela. A “fantasia para a verdade do real” (Eckermann, 2016, p. 169),<sup>6</sup> que Goethe concede a si como poeta, foi também o que lhe tornou acessível o reino da natureza e o fez apropriar-se dele em toda a riqueza de suas formas.<sup>7</sup> Para ele, estava claro

---

<sup>4</sup> Traduzido de Cassirer, E. “Der Naturforscher Goethe”. In: Idem. *Gesammelte Werke*. Hamburger Ausgabe. Hrsg. von Birgit Recki. Band 18: Aufsätze und Kleine Schriften (1932-1935). Text und Anm. bearbeitet von Ralf Becker (ECW 18). Hamburg: Meiner, 2004, p. 437-441. Texto publicado pela primeira vez no jornal *Hamburger Fremdenblatt. Rundschau im Bilde*, 104º ano, nº. 79, 19 de março de 1932, edição vespertina (suplemento: *Goethe-Jahr 1932*), p. 23.

<sup>5</sup> Goethe a J. P. Eckermann, 27 de janeiro de 1830.

<sup>6</sup> Goethe a J. P. Eckermann, 25 de dezembro de 1825.

<sup>7</sup> O termo “forma” é, em geral, traduzido do alemão *Form*. Casos excepcionais serão indicados no corpo do texto.

que toda forma só pode ser pensada e compreendida como forma *viva*, e que o mundo das formas, em sua unidade e plenitude, só se revela àquele que é capaz de adentrar nessa plenitude e recriá-la internamente em si mesmo. Essa recriação jamais pode ser obra do mero entendimento: ela requer uma força formadora [*bildende*] e configuradora [*gestaltende*], verdadeiramente sintética. E Goethe via essa síntese, essencial tanto para a pesquisa quanto para a criação [*Gestaltung*] artística, como fundamentada na *imaginação* e nela resolvida. Tudo o que chamamos de invenção e descoberta, no sentido mais elevado, era para ele o exercício significativo e a atividade de um sentimento original de verdade, que, formado silenciosamente há muito tempo, conduz de repente, com a rapidez de um relâmpago, a um conhecimento fecundo. “É uma revelação que se desenvolve do interior para o exterior, que permite aos seres humanos pressentir sua semelhança com o divino. É uma síntese entre o mundo e o espírito, que oferece a mais bem-aventurada certeza da eterna harmonia da existência” (Goethe, 1907, p. 122).<sup>8</sup>

Não iremos desenvolver aqui o modo como essa revelação se manifesta na poesia de Goethe, nem como ela torna acessível um novo núcleo e um novo sentido da existência. Também na poesia valia para Goethe o princípio de que o mais elevado que se poderia e deveria exigir do gênio era o *amor à verdade*. Mesmo o véu da poesia ele não podia, nem queria receber de outra mão senão da mão da verdade. Pois, para ele, também na criação artística, nada era válido se fosse meramente “imaginado” ou “inventado”; para ele, o conteúdo poético não era outra coisa senão o conteúdo da própria vida – um conteúdo que não se envolvia em uma forma poética como um mero invólucro, mas que dela necessitava para, nela e por meio dela, tornar-se consciente e presente a si mesmo, para compreender-se em sua essência pura. A tentativa de penetrar na essência da natureza segue, em Goethe, o mesmo caminho. Também aqui lhe está claro que não nos aproximamos da essência da natureza se tentarmos decompor analiticamente suas formas [*Gestaltungen*] em suas partes ou reduzi-las a meros conceitos, classes e espécies. Assim como a intuição artística, também a intuição da natureza deve proceder *geneticamente*. Ela não deve se contentar com uma visão geral do que existe, mas deve penetrar na própria lei do devir; não pode deter-se no que *já se tornou*, mas deve tornar visíveis o *processo* do vir-a-ser e sua lei interna. Novamente, revela-se aqui a afinidade interna e necessária entre a atividade do pesquisador e do artista. Como poeta, Goethe se opõe repetidamente a um tipo de exposição do ser humano que acredita tê-lo reconhecido e descrito ao designar-lhe uma única “característica” ou ao reduzi-lo a uma soma de meras características ou propriedades de caráter. Um tal isolamento do procedimento lhe parecia

---

<sup>8</sup> Máxima nº. 562.

arbitrário, sem vida e contrário à arte. O que Goethe exigia da exposição dos seres humanos – e o que praticou com maestria absolutamente inigualável em *Werther*, *Tasso*, *As afinidades eletivas* e *Wilhelm Meister* – era a arte de descrever as paixões em sua “sutil afinidade química”, “pela qual elas se atraem e se repelem, se unem, se neutralizam, novamente se separam e se recombina[m]” (WA, 4, XIV, p. 204).<sup>9</sup> Aplicado à natureza, esse procedimento significa que também aqui não devemos nos contentar em vê-la como uma mera soma de substâncias [*Stoffen*], que podemos identificar por suas propriedades e agrupar sob determinadas classes. Mesmo a verdadeira experiência da natureza só é concedida àquele que se aprofunda em todas as transições finas e sutis da vida – àquele que deixa desfilar diante de si as séries do vivente e descobre, em todas elas, não uma identidade rígida, uma igualdade da forma, mas sim a mesma lei secreta da *formação da forma* [*Formbildung*], da configuração [*Gestaltung*] e da transformação [*Umgestaltung*]. A partir dessa intuição, Goethe desenvolveu a *ideia de metamorfose*. O que ele esperava dessa ideia – tanto para si mesmo quanto para a observação da natureza como um todo – e o que nela louvava, era isto: que, por meio dela, se pudesse ser conduzido de maneira próspera por todo o círculo labiríntico do compreensível, até que se chegasse ao limite do incompreensível, diante do qual é preciso ter modéstia. O “incompreensível”: para Goethe, isso era, e permaneceu sendo, o amorfo [*Gestaltlose*]; por outro lado, o mundo das formas [*Gestalten*] só se tornava compreensível e familiar para ele quando era capaz de vê-lo não como mero resultado, mas como processo – não como algo pronto e acabado [*Gewordenes*], mas como algo em devir, em meio ao movimento de vir-a-ser e de engendrar. E esse ponto de vista característico, que Goethe conquistou para si mesmo e para o conhecimento biológico, não lhe podia ser dado por outra força senão pela da fantasia. A fantasia, em sua plasticidade interior – a “sempre móvel, sempre nova e estranha filha de Jove” (Goethe, 2022, p. 61),<sup>10</sup> como ele a chamou –, abriu-lhe o sentido para a vida e para a abundante plenitude da natureza; e, em virtude disso, ele acreditava com convicção que, na natureza, não há nada “dentro” nem nada “fora”, mas que o mundo “interior”, tanto quanto o “exterior”, obedecem à mesma lei e só podem ser compreendidos juntos e um por meio do outro.

---

<sup>9</sup> Carta de Goethe a Friedrich Schiller, 23 de outubro de 1799.

<sup>10</sup> Trata-se de um trecho do poema de Goethe intitulado *A minha deusa*: “Qual das Imortais / Merece o mais alto prêmio? / Com ninguém disputo, / Mas a quem o dou / É à sempre móvel, / Sempre nova, / Estranha filha de Jove, / À filha sua dileta, / À Fantasia [...]”. Cabe notar que o termo “fantasia” (*Phantasie*) não é equivalente direto do termo “imaginação” (*Einbildungskraft*). Eles assumem especificidades no interior dos pensamentos de Goethe e Cassirer, e, por se tratar de uma discussão central em ambos os autores, devem ser considerados com a devida atenção e mediação.

Também as realizações de Goethe no campo da *óptica* apresentam essa mesma característica fundamental. Pois, também aqui, não se tratava, para Goethe, de descrever, registrar e explicar os fenômenos da cor como fenômenos isolados. O que ele queria oferecer era o “mundo do olho” (WA, 4, XI, p. 264)<sup>11</sup> como um mundo fechado em si, como um todo específico. E, para isso, ele teve de regressar à verdadeira e basilar fonte das cores, à sua “origem”. Essa origem ele encontrou na luz: e sua tarefa, a partir de então, não consistia em fornecer uma “explicação” físico-matemática da luz, mas em desenvolvê-la no conjunto de seus fenômenos, na totalidade de suas manifestações. É altamente significativo que Goethe, também nesse caso, recorra à sua intuição fundamental do ser humano para a sua concepção e abordagem em relação às cores. Descrever o caráter de um ser humano – tal como ele explicou na *Doutrina das cores* – é, no fundo, um esforço em vão; em vez disso, devemos reunir suas ações, seus feitos, e então uma imagem do caráter se revelará diante de nós. Nesse mesmo sentido, Goethe não deseja averiguar a “essência” da cor, nem oferecer uma teoria física de sua origem, tampouco obter uma fórmula matemática para ela. Ele não vê nas cores nada além – e não busca nelas nada mais – do que “os feitos e as paixões [da luz]” (WA, 2, I, p. IX);<sup>12</sup> mas ele não quer apenas acompanhar historicamente esses feitos e paixões, ele deseja tornar visível como uma lei comum da formação [*Gestaltung*] atua em todas elas. Assim, por uma necessidade interna de sua natureza, Goethe teve de seguir um caminho diferente daquele trilhado por Newton e pela física teórica que o sucedeu. Mas, mesmo que hoje não possamos mais seguir sua crítica a Newton, mesmo que a parte puramente *polêmica* da *Doutrina das cores* tenha, para nós, apenas um interesse histórico e biográfico, a doutrina das cores *como um todo* não está, sob nenhum aspecto, ultrapassada ou superada. Pois também nela Goethe chegou a conclusões completamente novas e decisivas. Ele contrapôs à óptica física a “óptica fisiológica” – foi ele quem, de fato, descobriu o “ver sob o ponto de vista subjetivo” (WA, 2, XI, p. 269-284)<sup>13</sup> como um novo campo da investigação científica, e foi o primeiro a estabelecer as leis fundamentais dessa área.

## Referências

BARRENTO, J. Goethe: o eterno amador. Lisboa: Bertrand Editora, 2018.

CASSIRER, E. *Gesammelte Werke*. Hamburger Ausgabe (= ECW). Hrsg. von B. Recki. Bde. 1–26. Hamburg: Meiner, 1998–2009.

---

<sup>11</sup> Carta de Goethe a Friedrich Schiller, 15 de novembro de 1796.

<sup>12</sup> Goethe, “Doutrina das cores”, Parte didática.

<sup>13</sup> Cassirer se refere ao ensaio de Goethe intitulado *Das Sehen in subjectiver Hinsicht, von Purkinje*. In: WA, 2, XI, p. 269-284.

\_\_\_\_\_. Nachgelassene Manuskripte und Texte. (= ECN). Bde. 1–19. Bd. 1, hrsg. von J. M. Krois; O. Schwemmer; Bde. 2–11, 16, 18, hrsg. von K. Ch. Köhnke; J. M. Krois; O. Schwemmer; Bde. 12, 14, 15, 17, 19, hrsg. von Ch. Möckel. Hamburg: Meiner, 1995–2022.

CASSIRER, T. Mein Leben mit Ernst Cassirer. Hamburg: Meiner, 2003.

DIDEROT, D. Da interpretação da natureza. Organização e tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp, 2024.

ECKERMANN, J. P. Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida. Tradução de Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

GEIGER, L. (Hrsg.). Zehnter Jahresbericht der Goethe-Gesellschaft. In: Goethe-Jahrbuch, v. 16. Frankfurt am Main: Rütten & Loening, 1895, p. 1–74.

GOETHE, J. W. v. Goethes Werke. (= WA). Hrsg. im Auftrage der Großherzogin Sophie von Sachsen. 4 Abt., 133 Bde. in 143 Bdn. Weimar: Böhlau, 1887–1919.

\_\_\_\_\_. Maximen und Reflexionen. Nach den Handschriften des Goethe- und Schiller-Archivs. Hrsg. von Max Hecker. (Schriften der Goethe-Gesellschaft, Bd. 21). Weimar: Verlag der Goethe-Gesellschaft, 1907.

\_\_\_\_\_. Poemas. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2022.  
KANT, I. Crítica da faculdade de julgar. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016.

KNOPPE, T. Idee und Urphänomen: zur Goethe-Rezeption Ernst Cassirers. In: RUDOLPH, E.; KÜPPERS, B. (org.). Kulturkritik nach Ernst Cassirer. Cassirer-Forschungen, Bd. 1. Hamburg: Meiner, 1995, p. 325–352.

KROIS, J. M. Urworte: Cassirer als Goethe-Interpret. In: RUDOLPH, E.; KÜPPERS, B. (org.). Kulturkritik nach Ernst Cassirer. Cassirer-Forschungen, Bd. 1. Hamburg: Meiner, 1995, p. 297–324.

NAUMANN, B. Philosophie und Poetik des Symbols: Cassirer und Goethe. München: Fink, 1998.

NAUMANN, B.; RECKI, B. (org.). Cassirer und Goethe: neue Aspekte einer philosophisch-literarischen Wahlverwandschaft. Berlin: Akademie Verlag, 2002.

PULVIRENTI, G.; GAMBINO, R. Einbildungskraft (Imagination). In: Goethe-Lexicon of Philosophical Concepts, v. 3, dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5195/glpc.2022.59>. Acesso em: 9 fev. 2026.

SKIDELSKY, E. Ernst Cassirer: the last philosopher of culture. Princeton: Princeton University Press, 2008.

---

### Sobre o tradutor

#### **Renato Costa Leandro**

Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).